

A ENUNCIÇÃO BENVENISTIANA, A CULTURA E O ESTUDO DO TEXTO: PERCORRENDO CAMINHOS EM BUSCA DE UMA NOÇÃO DE CONTEXTO

THE BENVENISTIAN ENUNCIATION, CULTURE AND TEXT-STUDYING: FOLLOWING PATHS IN SEARCH OF A NOTION OF CONTEXT

Carolina Knack

Mestranda em Estudos da Linguagem – Teorias do Texto e do Discurso
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(carolinaknack@gmail.com)

RESUMO: Este trabalho, situado no âmbito da teoria enunciativa de Émile Benveniste, tem por objetivo propor uma noção de contexto que leve em consideração, quando do estudo do texto sob o viés enunciativo, aspectos de ordem social e/ou cultural. Para tanto, primeiramente, faz-se um breve percurso pelas ideias de Dessoins (2006) acerca da antropologia da linguagem em Benveniste; em seguida, percorrem-se alguns artigos de “Problemas de Linguística Geral I” e de “Problemas de Linguística Geral II” (BENVENISTE, 2005; 2006), com vistas a destacar evidências que legitimem uma abordagem desta natureza. A partir da noção benvenistiana de dupla propriedade da língua, a língua como semiótica e a língua como semântica, propõe-se estabelecer dois tipos de contexto: um contexto no modo semiótico, que dê conta da descrição das formas da língua, e um contexto no modo semântico que, por sua vez, dê conta da vida da linguagem em ação, considerando locutor, contexto situacional (aqui-agora) e aspectos socioculturais.

Palavras-chave: Émile Benveniste; Teoria da Enunciação; Contexto; Semiótico; Semântico

ABSTRACT: This work, based on Emile Benveniste's enunciative theory, has the objective of proposing a notion of context that takes into consideration aspects of social and/or cultural order when analyzing a text through an enunciative approach. In order to do so, we primarily go over Dessoins' (2006) ideas on an anthropology of language in the work of Benveniste; after that, we analyze some articles in “Problems in general linguistics I” and “Problems in general linguistics II” (Benveniste, 2005 and 2006) aiming at highlighting evidences to legitimate an approach of this nature. From the benvenistian notion of language's double property, namely, language as semiotics and as semantics, we propose the establishment of two kinds of context: one of a semiotic order, which accounts for the description of language as a system, and one of a semantic order, which accounts for the life of language in action, considering the speaker, the situational context (here-now) and social/cultural aspects.

Keywords: Emile Benveniste; Enunciative theory; Context; Semiotics; Semantics

Introdução

Este artigo nasce de uma inquietação e busca articular o objeto de estudo “texto” e a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. O texto, como objeto de análise, tem recebido especial atenção por parte de perspectivas como a Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Semiótica, por exemplo, as quais têm desenvolvido, ao longo dos anos, aparatos teórico-metodológicos que busquem dar conta da análise dos diversos aspectos que estruturam esse objeto. No que se refere à teoria enunciativa benvenistiana, é possível dizer que esta não visa a

teorizar especificamente sobre o objeto **texto**, de modo que, ao abordá-lo, o pesquisador do campo deve operar um deslocamento dos conceitos teóricos, bem como elaborar um aparato teórico-metodológico específico para a análise textual. Diante disso, e no âmbito da teoria de Émile Benveniste, tenho buscado refletir sobre como tais deslocamentos poderiam ser operados e de que forma seria possível propor alguns procedimentos de análise para o estudo do texto derivados da teoria enunciativa; busco, sobretudo, pensar sobre como esta teoria poderia abordar elementos que constituem categorias de análise já instituídas quando o assunto é estudar ou analisar o texto.

Nesse sentido, o percurso de leituras realizado nas disciplinas de Teorias da Enunciação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, em especial, a leitura de “Émile Benveniste, l’invention du discours” (2006), de Gérard Dessons, muito contribuíram para semear a inquietação que mencionei no início deste texto e que, a partir deste momento, explicito: **como abordar, no estudo do texto sob o viés enunciativo, aspectos de ordem social e/ou cultural?**

Quando penso em um meio de abordar tais aspectos, a primeira noção que se coloca em relevo é a de **contexto**. Aliás, essa categoria é já uma categoria difundida no campo dos estudos do texto. Para citar um exemplo, recorro a Ingedore Koch – importante teórica da Linguística Textual no Brasil –, que, em obra em coautoria com Vanda Elias, discorre acerca da definição dessa categoria:

O contexto [...] é indispensável para a compreensão e, desse modo, para a construção da **coerência textual**. [...] O **contexto** engloba não só o **cotexto** [contexto linguístico], como também a **situação de interação imediata**, a **situação mediata** (entorno sociopolítico-cultural) e o **contexto cognitivo** dos interlocutores (KOCH; ELIAS, 2010, p. 63, grifos das autoras).

No âmbito da Teoria da Enunciação, há, também, uma noção para **situação**, a qual – conforme acepção de Benveniste no texto mais difundido no Brasil, “O aparelho formal da enunciação” (1970a/2006) – diz respeito ao espaço-tempo (**aqui-agora**) da enunciação e cuja descrição comumente considera este

espaço-tempo sem referência ou menção a elementos de ordem social e/ou cultural¹.

No entanto, acredito ser imprescindível dizer algo a esse respeito quando se está analisando um texto e, mais adiante, busco esclarecer o porquê disso. Assim, nestes primeiros movimentos de leitura (e de formulação!), suponho que pensar as relações **homem–linguagem/língua–sociedade/cultura**² possa ajudar a elaborar uma (ou mais de uma!) noção de contexto em Enunciação, articulada à noção de situação de realização da enunciação.

Para tanto, retomo inicialmente a leitura de Dessons (2006), enfatizando elementos da perspectiva de estudo que o autor inaugura; em seguida, apresento alguns recortes da obra de Benveniste no que se refere às relações mencionadas no parágrafo anterior para, então, articular e/ou deslocar conceitos e reflexões do linguista ao campo dos estudos do texto, possibilitando, enfim, a elaboração de uma noção de contexto, em Enunciação, que considere, sobretudo, o elemento sociocultural.

Em defesa de uma antropologia da linguagem em Benveniste: a perspectiva de Dessons

Dessons (2006), o inspirador deste artigo, interessa-se pela obra de Benveniste especialmente por ela inaugurar, segundo ele, a pesquisa em torno de uma antropologia da linguagem. A partir de uma leitura exploradora, o autor “garimpa” a obra benvenistiana e coleta trechos cujas reflexões levam-no a propor a tese de que o homem é o centro do pensamento benvenistiano – o que permite a Dessons defender a existência dessa antropologia da linguagem, uma vez que “o que se sabe da linguagem aparece indissociável do que se sabe do homem” (DESSONS, 2006, p.6, tradução nossa).

Em seu livro “Émile Benveniste, l’invention du discours” (2006), Dessons percorre noções e aspectos da teoria benvenistiana buscando dar relevo à relação

¹ A referência aos textos de Émile Benveniste considera o ano da primeira publicação do artigo – na medida em que este é um dado importante para acompanhar o desenvolvimento do pensamento do autor – e o ano da edição de “Problemas de Linguística Geral” em uso neste trabalho.

² Evidentemente, os termos separados por ‘/’ não são sinônimos; no entanto, neste momento e para esta discussão, não serão consideradas as distinções entre linguagem/língua e sociedade/cultura.

homem - linguagem/língua - sociedade/cultura, relação instaurada via discurso. É o conceito de discurso que, segundo o autor, possui a força heurística que “abre a via” para se considerar a atividade da linguagem no conjunto das ciências humanas e sociais. São os elementos que constituem essa força do discurso, portanto, que estão em jogo nessa obra: linguagem, língua, comunicação, sociedade, cultura, história, significação, subjetividade, intersubjetividade, temporalidade, dentre outros.

Interessa-me, diante disso, selecionar e comentar alguns desses elementos, especialmente os que evidenciam a reflexão benvenistiana sobre a sociedade e a cultura – reflexão que Dessons revela primorosamente. Retomar a obra desse autor, especificamente o tópico acerca da antropologia da linguagem, possui dois objetivos: o primeiro consiste em apresentar um método de leitura da obra de Benveniste, pois Dessons colhe trechos, frases, palavras, enfim, reflexões de diferentes artigos de “Problemas de Linguística Geral I” (2005) e de “Problemas de Linguística Geral II” (2006), doravante PLG I e PLG II, e relaciona-os compondo um mosaico³, tendo em vista a construção de sua argumentação acerca da existência de uma antropologia da linguagem em Benveniste; o segundo consiste em apresentar alguns argumentos de tal tese, a qual representa uma abordagem teórica inovadora no campo da Teoria da Enunciação, com vistas a autorizar e, talvez, legitimar a reflexão que esboço neste artigo.

Todos os elementos abordados por Dessons (2006) – alguns dos quais citados anteriormente, como comunicação, sociedade, cultura, história, significação, subjetividade, intersubjetividade – estão, de certa forma, engendrados e revelam a presença de um pensamento antropológico em Benveniste. Início retomando a **comunicação**, primeiro elemento discutido por Dessons. Segundo o autor, a noção de comunicação é fundamental no pensamento de Benveniste sobre a linguagem e engloba esta, a sociedade e a cultura. Explica Dessons que o ato de comunicar, sob o ponto de vista benvenistiano, vai além da concepção de “transmissão de mensagens”, relacionando-se com “a elaboração de valores constitutivos da sociedade humana enquanto fatos de cultura” (DESSONS, 2006, p.43, tradução

³ Tal método de leitura contrapõe-se, por exemplo, ao método utilizado por Aya Ono em seu excelente “La notion d’énonciation chez Émile Benveniste” (2007), no qual a autora seleciona textos de autoria de Benveniste e explora as relações de noções e conceitos no interior de cada texto por ela selecionado.

nossa). Dessa maneira, o autor conclui que a situação de diálogo resulta de uma necessidade ligada ao caráter fundamentalmente social da linguagem.

De fato, a comunicação humana tem a especificidade de estar ligada ao “exercício da linguagem como atividade intersubjetiva” (DESSONS, 2006, p.49, tradução nossa), o que torna indissociáveis o pensamento individual e o pensamento coletivo; logo, “indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 27), o que significa que o encadeamento entre a linguagem e a sociedade é um “encadeamento necessário”. Dessons (2006) destaca que tal relação se dá em uma língua particular, isto é, em uma “estrutura linguística definida e particular” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31). É, então, a partir das relações entre língua e sociedade que se pode fundar uma ciência da cultura, sem a qual não há verdadeira antropologia possível. O autor ainda enfatiza que, para Benveniste, a cultura é o conjunto de valores da sociedade – o que é possível de ser estudado apoiando-se sobre uma teoria da significação.

Além disso, Dessons (2006) ressalta que a comunicação humana é indissociável da subjetivação, fenômeno pelo qual os indivíduos constituem-se em sujeitos no processo intersubjetivo de troca da fala. A **subjetividade** é outro elemento abordado pelo autor e merece destaque, já que, conforme o autor, é sobre a questão da subjetividade que Benveniste funda sua linguística – uma linguística diferente, possível de estabelecer-se sobre o trinômio língua-cultura-pessoalidade⁴, o que estabelece a necessária correlação entre linguagem, sociedade e indivíduo.

Evidentemente, o recorte que apresento da obra de Dessons simplifica, de certo modo, o pensamento do autor; meu objetivo consiste tão somente em recuperar alguns argumentos e trechos em que explicita a presença de uma reflexão sobre o homem e a sociedade/cultura em Benveniste – o que, de fato, surpreende àqueles que fazem (ou tinham feito até então) uma leitura “linear” dos artigos de PLG I e PLG II.

De fato há, em Benveniste, conforme busquei demonstrar a partir dessa breve retomada de algumas ideias de Dessons (2006), a existência de uma antropologia da linguagem. O discurso que Dessons inaugura autoriza a abordar, dentre outros aspectos, a **cultura** sob o enfoque benvenistiano.

⁴ O termo, em francês, é *personnalité*.

De Dessons a Benveniste

Assim como Dessons (2006) – comparação no que se refere ao primeiro objetivo anteriormente descrito – apresento, a seguir, alguns recortes de certos artigos de PLG I e de PLG II⁵, recortes que, sob meu ponto de vista, explicitam o imbricamento **homem–linguagem/língua–sociedade/cultura** e permitem estabelecer, posteriormente, uma relação entre esses elementos e o **texto** e, conseqüentemente, conduzem a pensar a noção de **contexto** a partir da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

Início retomando aquele que, para Dessons (2006), constitui o cerne do pensamento benvenistiano: o homem. Para Benveniste, a ideia de que, em suas origens, um homem teria encontrado um outro homem e, juntos, estes teriam elaborado a linguagem é uma ficção. A linguagem está na natureza do homem, de modo que, como afirma Benveniste,

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285).

Esse trecho de “Da subjetividade na linguagem” traduz claramente o pensamento de que homem e linguagem são indissociáveis – o que, conforme muito bem explorado por Dessons (2006), constitui uma visão antropológica. Além desse famoso trecho, há outras referências a esse posicionamento ao longo dos artigos de PLG I e de PLG II, como, por exemplo, esta em que Benveniste afirma que “o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 29). A esse segmento é possível relacionar a questão relativa à origem da linguagem, tema sobre o qual Benveniste reflete:

[...] é impossível datar as **origens da linguagem**, não mais que as **origens da sociedade**. [...] Vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura. E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, **aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura** (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 23, grifos nossos).

⁵ Cf. Referências.

Então, se o homem não nasce na natureza, mas na cultura, o que a criança aprende ao nascer em uma comunidade linguística “é o mundo do homem” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 20-21). Logo, linguagem e sociedade são “noções gêmeas” (para usar um termo de Benveniste!), de forma que assumem relevância na reflexão benvenistiana a **sociedade** e a **cultura** inerente a esta, ambas indissociáveis do homem e da linguagem/língua.

As referências à sociedade e à cultura aparecem em artigos de Benveniste geralmente pouco lidos, pois o foco de leitura, em se considerando sua Teoria da Enunciação, está na 5ª parte de PLG I, intitulada “O homem na língua”, acrescida do artigo “O aparelho formal da enunciação” de PLG II. Ora, a leitura de outros artigos revela o viés menos conhecido do linguista, mas que, de forma alguma, desvincula-se de seu “projeto global”, o qual tem a significação como ponto de vista fundamental sobre a linguagem. Como bem afirma Benveniste, é “graças à propriedade de significação” que se unifica, na linguagem, “esta dualidade de homem e de cultura, de homem e de sociedade” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 242) – dualidade que não sustenta. Nas palavras do linguista, “caem, assim, as velhas antinomias do ‘eu’ e do ‘outro’, do indivíduo e da sociedade” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 287).

No artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968c/2006), Benveniste apresenta duas acepções para **sociedade**, assim como o faz para **língua**, instituindo dois níveis: um histórico e outro fundamental. De um lado, considera a sociedade como dado empírico, histórico (a sociedade chinesa, francesa, etc.), do mesmo modo como a língua como idioma empírico, histórico (o inglês, o espanhol, etc.). De outro, considera a sociedade como coletividade, base e condição da existência humana, assim como a língua, sistema formal significante e condição primeira da comunicação. Segundo o linguista, é possível estabelecer relações entre sociedade e língua no nível fundamental, isto é, naquele em que ambas constituem “realidades inconscientes” para o homem, representando “o meio natural e a expressão natural” (BENVENISTE, 1968c/2006, p. 96)⁶.

⁶ É importante destacar que, em termos estruturais – e isso é muito bem explorado no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968c/2006) –, não há relação direta entre sociedade e língua.

O linguista considera, portanto, língua e sociedade em sincronia e em uma relação semiológica: a língua, em primeiro lugar, é o interpretante da sociedade e, em segundo lugar, ela contém a sociedade. “De fato é dentro da e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. [...] A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 27). Diante disso, Benveniste questiona qual a fonte desse poder misterioso que reside na língua e por que o indivíduo e a sociedade juntos e por igual necessidade fundam-se na língua. A resposta condensa-se em três palavras: porque a linguagem representa a **faculdade de simbolizar**.

Também a **cultura** – definida por Benveniste como o “*meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31, grifo do autor) –, apresenta-se para o linguista como um fenômeno inteiramente simbólico.

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradição, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade [...] (BENVENISTE, 1963/2005, p. 32).

Se a cultura, fenômeno simbólico, é capaz de “dirigir o comportamento do homem”, anteriormente a isso ela constitui e é constituída pela linguagem. Logo, de alguma forma a linguagem a revela, isto é, expressa os traços desses valores que estão impregnados no homem. Indivíduo e sociedade, portanto, não são termos contraditórios, mas complementares, como bem afirma Benveniste. Essa relação de “integração” está explícita, por exemplo, no seguinte trecho:

Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade. Isso não é coincidência histórica, mas encadeamento necessário. De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua*, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31, grifos do autor).

Está claro que, para Benveniste, a relação entre a língua e a cultura é uma relação de integração necessária e não há como pensar a linguagem/língua fora da relação com o homem e com a sociedade/cultura. Portanto, também não há como considerar o **texto** fora dessas relações.

O estudo do texto e a Enunciação: articulando conceitos

O breve percurso pelas ideias de Dessoins (2006) acerca da antropologia da linguagem em Benveniste e pela própria obra de Benveniste (embora em um *corpus* bastante reduzido) preparou o arado para que, enfim, a semente seja lançada: de que modos as questões até aqui exploradas, a saber, as relações entre homem–linguagem/língua–sociedade/cultura e os aspectos nelas envolvidos podem, em um primeiro momento, contribuir para o estudo do texto sob o viés enunciativo e, especificamente, para a elaboração de uma noção de contexto em Enunciação?⁷

Para começar, é preciso explicitar, de modo geral, o que entendo por **texto** desde o quadro teórico benvenistiano. Considerando que o linguista afirma que o ato de enunciação gera um enunciado – o discurso –, desloco essa noção e concebo texto como produto da enunciação, associado a enunciado e a discurso⁸. Assim, quando Benveniste afirma que “todo o trabalho do linguista se apoia realmente sobre o discurso, implicitamente assimilado à língua” (BENVENISTE, 1954a/2005, p. 11), está claro que o trabalho deve apoiar-se no **texto**, considerado como atividade do locutor em sua relação com a língua inscrita na cultura.

Tal afirmação pode parecer um tanto redundante; porém, quando o interesse repousa sobre relações que envolvem elementos como sociedade e cultura, é preciso enfatizar que o trabalho do linguista ou do analista do texto deve estar centrado no **texto**, isto é, na **língua-discurso**. Senão, corre-se o risco de fazer um trabalho não linguístico.

⁷ É preciso salientar que, na obra de Benveniste, não há uma preocupação com a teorização acerca da categoria **texto**. Portanto, a partir desse momento, busco dar relevo a noções e a aspectos que, de certa forma, podem ser deslocados de seu quadro teórico e empreendidos em uma reflexão acerca do **texto**.

⁸ A teorização de **texto**, em suas modalidades oral e escrita, a partir da teoria enunciativa benvenistianiana, constitui objeto de pesquisa de minha dissertação de Mestrado (em elaboração) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Dra. Carmem Luci da Costa Silva.

Benveniste assinalou muito bem essa questão em seu artigo “Dois modelos linguísticos da cidade” (1970b/2006). No primeiro parágrafo, o autor questiona a visão tradicional que se tem sobre a relação entre língua e sociedade, em que se considera a língua como espelho da sociedade. “Como a língua poderia ‘refletir’ a sociedade?” – pergunta-se ele. Acreditar que a língua reflete a sociedade implica acreditar que a sociedade constitui-se anteriormente à língua; no entanto, conforme busquei apresentar anteriormente, língua e sociedade “não se concebem uma sem a outra” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31). Tal relação (de que a língua reflete a sociedade) é “falsamente concreta” e só produz “ilusões ou confusões” (BENVENISTE, 1970b/2006, p. 278). A questão é que, de fato, é possível comparar uma parte da língua a uma parte da sociedade⁹. Portanto, é necessário atentar para o ponto de vista a ser assumido diante disso.

O trecho abaixo exemplifica um tipo de estudo sobre língua e sociedade que se quer linguístico, no entanto sob uma “visão tradicional”, como diz Benveniste:

Do lado da língua, é o **vocabulário** que detém o papel de representante, e é do vocabulário que se conclui – indevidamente, já que sem justificção prévia – para a língua inteira. Do lado da sociedade, é o **fato** atômico que se isola, o **dado social** justamente enquanto objeto de denominação. Uma coisa remete à outra indefinidamente, e, neste acoplamento um a um, o termo designante e o fato não contribuem senão para uma espécie de **inventário lexicológico da cultura** (BENVENISTE, 1970/2006, p. 278, grifos nossos).

Do ponto de vista de Benveniste, não cabe ao linguista fazer tal “inventário lexicológico da cultura” – ele está justamente criticando tal atitude, assimilada à visão tradicional de “língua como espelho da sociedade”. A análise por ele proposta na sequência do artigo considera “um outro tipo de comparação” que se dá “a partir da língua”. Benveniste analisa a expressão lexical *citē* (cidade), primeiramente em sua estrutura formal e, em seguida, em seu “movimento conceitual”, investigando a relação entre o termo de base e os termos derivados na língua latina e na língua grega. Ou seja, o autor propõe uma análise ligada à própria estrutura da língua, em que observa a “relação intralinguística” e não

⁹ Benveniste havia refletido sobre essa questão no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968c/2006); conforme apontado anteriormente, língua e sociedade seriam comparáveis no nível fundamental.

“sociolinguística” a partir da “substância de um dado lexical” (BENVENISTE, 19070b/2006, p. 278-279).

Não cabe, aqui, retomar em detalhes a análise construída pelo linguista, e, sim, destacar que: 1) o interesse de Benveniste repousa na língua e não nos dados e/ou fatos culturais; 2) para investigar, por exemplo, a significação de *civís* (BENVENISTE, 19070b/2006, p. 280), o autor apoia-se em **textos** – há citações de Plauto, de Tito-Lívio, de Varrão e até mesmo da Bíblia, textos cuja leitura exige conhecimento da organização e/ou funcionamento do povo cuja língua está em questão; e 3) o conhecimento da cultura ou do funcionamento da sociedade de fato estão implicados na análise da língua, mas o que interessa é desvendar o funcionamento, a significação ou, como o próprio Benveniste denomina, o “movimento conceitual” dos termos em uso nos textos.

Em relação a esse amparo nos textos, Benveniste já havia chamado a atenção ao falar dos trabalhos da linguística comparativa:

Os dados linguísticos eram os que se recolhiam nos textos. Ora, como estes textos são, na maior parte, considero o domínio do indo-europeu, **textos muito antigos**, textos homéricos, textos védicos – e hoje, vocês sabem a nova dimensão que se acrescenta com os textos micenianos que recuam no mínimo de meio milênio a proto-história do Grego – **seria necessário interpretá-los na sua realidade de textos antigos, em relação a uma cultura que não conhecemos mais** (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 13, grifos nossos).

Nessa passagem, fica evidente a relevância do fator cultural para o entendimento/interpretação dos textos. Apesar de a linguística a que Benveniste se refere no segmento acima não ser da mesma natureza de sua linguística enunciativa – e, também, não é isso que está em questão aqui –, cabe ressaltar o fato de o linguista assinalar a importância da “realidade do texto” e de seu “contexto cultural” para a sua interpretação.

No interior mesmo de sua teoria enunciativa, ao propor sua semântica, Benveniste, de certo modo, autoriza a “abertura para o mundo”. Define o teórico que “a semântica é o ‘sentido’ resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isso é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo [...]” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 21).

Esse domínio, segundo o autor, não compreende somente a língua; afirma que se é levado à **cultura**, já que ela também é “um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 22).

Portanto, se observar a língua posta em ação pelo locutor, isto é, o discurso, consiste em observar o **texto**, não há como “escapar” a esse elemento cultural.

Contexto: um lugar para a cultura na análise textual-enunciativa?

Nos primeiros itens deste artigo, ao retomar alguns argumentos de Dessons (2006) no que diz respeito às relações homem–língua–sociedade/cultura, busquei reunir elementos que pudessem autorizar e/ou legitimar a possibilidade da abordagem de aspectos socioculturais no estudo do texto sob o viés enunciativo. Os recortes operados, em seguida, em alguns artigos de PLG I e de PLG II corroboraram nesse sentido, evidenciando, de fato, a não exclusão de elementos sociais e culturais na constituição dos sujeitos e dos sentidos. Resta, diante disso, buscar “um lugar” para a cultura nos estudos do texto sob o viés enunciativo.

Ancorada em Benveniste e a exemplo de outras perspectivas de estudo do texto, valho-me da palavra **contexto** para designar, inicialmente, a categoria de análise que englobaria o elemento sociocultural – até porque esta é já uma categoria difundida no âmbito dos estudos do texto. O desafio, aqui, consiste em definir e delimitar tal categoria sob o viés enunciativo, além de esboçar o **como**, isto é, o modo pelo qual essa categoria operaria em uma análise textual desde a perspectiva teórica de Benveniste.

O uso do termo contexto em Enunciação, contudo, não é novidade: já se fala de um contexto conhecido como **contexto situacional**, que diz respeito ao **aqui** (espaço da enunciação) e ao **agora** (tempo da enunciação), fazendo referência à **situação de enunciação**. Poder-se-ia argumentar que o elemento sociocultural estaria implicado nessa “situação de enunciação” – posicionamento com o qual concordo. Mas, embora implicado no aqui-agora, elementos de tal ordem raramente

recebem alguma descrição¹⁰ quando da análise textual, que se vê limitada por uma prática de identificação de índices formais. Quanto a isso, Dessons já havia advertido:

[...] o pensamento de Benveniste se vê frequentemente atenuado e deformado pela vulgarização de sua teoria linguística reduzida somente à análise das marcas formais de enunciação, em prejuízo das considerações teóricas de ordem mais geral, cujo alcance revela, no entanto, uma concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem (DESSONS, 2006, p. 26, tradução nossa).

Considerando a corrente definição e uso da expressão “contexto situacional”, proponho pensar outro modo de abordar o contexto, que permita incluir, na descrição da situação de enunciação quando do estudo do texto, os aspectos socioculturais.

Em um primeiro momento, destaco uma menção que faz Benveniste ao “contexto”: em “Problemas semânticos da reconstrução” (1954b, p. 319), artigo no qual o linguista busca estabelecer relações entre radicais (**dwei-* numeral ‘dois’ e **dwei-* verbal ‘temer’), a análise da estrutura semântica dá-se via estudo dos empregos dos radicais, sendo que, para isso, o teórico recorre a textos. O que importa, para ele, é a situação descrita no texto, de onde conclui que “graças a um **contexto decisivo**, se configura no indo-europeu uma noção como ‘temer’ com as suas ligações específicas que só o emprego pode revelar, e que são diferentes das que a determinam hoje” (BENVENISTE, 1954b, p. 325, grifo nosso).

Como é possível entender esse **contexto decisivo**? Esse contexto nada mais é que a situação de emprego, de uso de um vocábulo, evidenciada pelo texto e que tem a sua singularidade (suas “ligações específicas”) justamente em virtude desse uso, que implica um **aqui-agora** e uma **cultura** inerente a esse **espaço-tempo**.

Dessa maneira, se considero que há “ligações” entre as palavras, relações estas que são determinantes do sentido tanto quanto o são os aspectos situacionais/ sociais/culturais, há de se considerar dois “níveis” ou “tipos” de contexto

¹⁰ Utilizo o termo “descrição” porque penso que, de alguma forma, esses elementos marcam-se e/ou criam efeitos no texto, sendo passíveis de descrição – o que discutirei mais adiante.

e, para tanto, retomo a seguir as noções de **semiótico** e **semântico** propostas por Benveniste, noções que me parecem possibilitar dois modos de contexto.

No artigo “A forma e o sentido na linguagem” (1967/2006), Benveniste retoma a concepção saussuriana de língua como sistema de signos para, então, propor “ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 224). Para isso, discute primeiramente a necessidade de estabelecer unidades, as quais devem ser descritas sob o duplo ponto de vista: da forma e do sentido.

O teórico parte da noção de signo tal qual proposta por Saussure e esclarece que o signo é a unidade do semiótico. Benveniste afirma que o signo possui significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua e, para que ele exista, é suficiente que seja aceito e que se relacione com os demais signos. Assim, “no plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 227). E este sim ou não só pode ser proferido pelos que fazem uso da língua – a noção de uso e de compreensão é um critério, já que é no uso da língua que o signo passa a ter existência. De tais considerações, Benveniste afirma que resultam algumas consequências: a semiótica não se ocupa da relação dos signos com as coisas denotadas, nem das relações entre a língua e o mundo; o signo tem sempre valor genérico e conceptual, não admitindo significado particular ou ocasional.

Do signo Benveniste passa à frase¹¹, questionando-se sobre sua função comunicativa, já que por meio desta é os locutor comunicam-se. Segundo aponta, a expressão semântica por excelência é a frase, ou seja, a **produção do discurso**. O autor ressalta que signo e frase pertencem a dois mundos distintos, fato que instaura uma divisão fundamental na língua: “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma: a língua como semiótica e a língua como semântica” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 229). Ao passo que a semiótica caracteriza-se como uma propriedade da língua, a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em uso. E “enquanto o signo tem por parte integrante o significado,

¹¹ A noção de *frase*, na teoria enunciativa benvenistiana, não está relacionada à concepção gramatical; para Benveniste, “a frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 139). Nessa direção, é possível associar a noção de *frase* a *texto* – associação que também problematizo em minha dissertação de Mestrado.

que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 230)¹².

Ainda no modo semântico, Benveniste (1967/2006, p. 231) afirma ser necessário considerar o “referente”: “se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar.”

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando a vida dos homens. [...] Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo [...] (BENVENISTE, 1967/2006, p. 229).

De fato, o teórico destaca que tanto o semiótico quanto o semântico estão em jogo na língua quando o locutor a utiliza: na base, há o semiótico, sobre o qual a **língua-discurso** constrói sua semântica própria.

Dessa maneira, ao operar tal “divisão” na língua, Benveniste colocou a “necessidade de dois estudos linguísticos”: um para “descrever o semiótico, isto é, as propriedades gerais das unidades do sistema, comuns a todos os locutores que o interiorizaram” e outro, o semântico, para “se ocupar do ‘colocar em uso’ o sistema em frases e do sentido que se produz nele [...]” (NORMAND, 2009, p. 180).

Disso concluo que, ao estudar/analisar um texto, faz-se necessário considerar esses “dois tipos de estudos linguísticos”, que, a meu ver, também devem ser considerados para a elaboração da noção de contexto: entendo ser possível delinear um **contexto no modo semiótico** e um **contexto no modo semântico**.

Ao primeiro, caberia dar conta das formas da língua e de suas relações instituídas no texto; trata-se da “descrição do sistema da língua”. Normand (2009, p. 181) aponta uma metodologia para isso: “nesse tipo de análise, opera-se a partir de enunciados particulares, únicos dados observáveis, para depreender as

¹² Conforme destaca Dessons (2006, p. 205, tradução nossa), essa referência à situação de discurso e à atitude do locutor “torna indissociáveis o sujeito, a história e a linguagem”.

propriedades da língua enquanto sistema (o que Benveniste sempre fez em suas análises empíricas)”.

Ao segundo, caberia dar conta do que diz respeito à “vida da língua em ação” – e, aqui, conseqüentemente, entrariam os aspectos socioculturais, conforme a seguir discutirei, e cuja possibilidade de abordagem delineei ao longo deste artigo. Efetivamente, no domínio semântico abordam-se “as unidades enquanto palavras (e não mais como signos ou valores), presentes em determinada frase ou sequência de frases particulares, trocadas por locutores nesta ou naquela circunstância, remetendo a este ou aquele objeto” (NORMAND, 2009, p. 181). É no sintagma que se ligam os elementos de certo enunciado que se destina a transmitir certo sentido, participando de um aqui-agora, de um certo presente de um certo locutor – já que a frase é, a cada vez, um acontecimento diferente. Logo, “o sentido a transmitir, ou se se quiser, a mensagem é definida, delimitada, organizada por meio de palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 232-233).

São, portanto, a princípio, estes os elementos que integram o que chamo de **contexto no modo semântico**: o locutor, o contexto situacional (aqui-agora), os aspectos socioculturais.

Propor a consideração desse último elemento sob o viés enunciativo é possível na medida em que há um pensamento antropológico em Benveniste – como tão bem explorou Gérard Dessons (2006) –, o qual apresenta como indissociáveis as relações entre o homem, a linguagem/a língua e a sociedade/a cultura. O imbricamento de tais relações foi tópico de reflexão em item anterior, estando reservada para este a questão relativa ao **como** descrever e/ou comentar suas atualizações no texto, já que, indiscutivelmente, a língua manifesta traços dessas relações.

É Benveniste quem afirma que “tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistemas de valores. Da articulação entre os valores. [...] **Estes valores são os que se imprimem na língua**” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 22, grifo nosso). E já antecipa: “É, no entanto, um **trabalho difícil trazê-los à luz**, porque a língua não se transforma automaticamente à medida que a cultura se transforma” (BENVENISTE, 1968a/2006, p. 22, grifo nosso). Essa dificuldade

também se deve ao fato de esses valores ou aspectos socioculturais não se apresentarem diretamente linearizados ou atualizados no discurso. E, nesse sentido, é oportuno apresentar algumas linhas do pensamento de Dufour (2000) e as releituras de Silva (2009) acerca desse teórico.

Há, na estrutura da enunciação, três elementos implicados: o 'eu', o 'tu' e o 'ele', os quais, segundo Dufour (2000), apresentam-se em uma relação trinitária (eu-tu/ele), passível de ser decomposta em uma relação unária – do 'eu' – e várias relações diádicas: 'eu-tu', 'eu/tu', '(eu-tu)/ele'. Nessas relações, instaura-se um terceiro, um outro, que Silva (2009) nomeia 'ELE'; este é o elemento que comportaria a instância cultural. Segundo a autora,

Pela relação, esse terceiro – agora ELE – demarca uma ausência irrepresentável nesse campo de presença do discurso de 'eu' e de 'tu'. Como atesta Benveniste (1968/1989, p.23-24) 'nenhuma língua é separável de sua função cultural', o que nos faz [...] inserir mais um ELE como 'outro', porque instanciado na cultura e participante ausente das enunciações de 'eu' e de 'tu' (outro) (SILVA, 2009, p. 186).

Ora, ser um **participante ausente** da relação (eu-tu/ele)-ELE significa participar dela constitutivamente, porém ser "irrepresentável linguisticamente na linearidade do discurso" (SILVA, 2009, p. 187). Mas o que isso interessa aos estudos do texto e, especialmente, para a noção de contexto? Ao tratar de aspectos socioculturais lida-se com algo da ordem da ausência, isto é, algo irrepresentável diretamente no discurso, mas que o constitui significativamente. Logo, ao analisar um texto, o que se tem ao alcance é a possibilidade de abordar os **efeitos** que esse ELE acarreta no discurso. Assim, ao descrever um **contexto no modo semântico**, especificamente os elementos socioculturais, presentifica-se essa ausência, ou melhor, evidenciam-se seus efeitos.

Esse processo de análise/descrição/interpretação, em razão da singularidade das relações enunciativas – pois cada 'eu' relaciona-se de uma certa maneira com um 'tu', em oposição a um 'ele' e sob os efeitos do 'ELE', em espaço e tempo determinados e irrepetíveis –, parece fazer com que o estudo do texto e a consideração do contexto sob o modo semântico dependam "menos de uma análise linguística (em princípio generalizável) do que de um comentário de texto cada vez particular" (NORMAND, 2009, p. 181).

Ao contrário do que a afirmação acima parece sugerir, não são todos e quaisquer comentários que se aceitam quando do estudo do texto, até porque – e, segundo Normand (2009, p. 182), essa é a novidade – o comentário sempre se apoia na descrição semiótica, inclusive porque Benveniste descarta qualquer projeto de semântico que seja isolável como tal da análise das formas (do semiótico).

Dito de outro modo, a análise do semântico (análise desta ou daquela unidade de discurso) associa uma análise semiótica do enunciado a um comentário sobre a situação cada vez particular da enunciação (tal sujeito, tal tempo, tal referente, tal interação, cujas marcas fazem parte da descrição semiótica); assim como todo comentário de texto, essa análise interpreta os enunciados, mas não pretende dizer tudo sobre seu sentido (NORMAND, 2009, p. 182).

As passagens acima também servem para reforçar, em outras palavras, que a análise textual deve pautar-se pela materialidade linguística, considerando-se a realidade instaurada pelo texto. E, em relação a isso, cabe uma observação: por vezes, atribui-se à Teoria da Enunciação a contribuição em relação à abordagem de aspectos que excedem o linguístico (aspectos da “exterioridade”), a saber, sujeito/locutor, alocutário e contexto situacional, na medida em que esses elementos seriam exteriores ao sistema da língua – o que, por exemplo, poderia ser reforçado por proposições tais como: “com a frase, liga-se às coisas fora da língua” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 230). Considerando “frase” como produto da enunciação, percebe-se sua vinculação com o que considero aqui “texto” e, nesse caso, as “coisas fora da língua” de que trata Benveniste pareceriam possíveis de ser pensadas como relacionadas ao contexto sociocultural do locutor. No entanto, o que se pode depreender da leitura dos artigos de Benveniste é que essas categorias – locutor, alocutário e contexto situacional –, embora, de certo modo, externas à língua (se pensadas empiricamente), passam a ter existência somente na e pela língua. Isso porque, ao mobilizar e apropriar-se da língua, o locutor estabelece relação com o outro e com o mundo via discurso, marcando na língua sua subjetividade e constituindo-se como sujeito. A noção de **instância de discurso** é essencial nesse sentido, pois a realidade a que se refere a enunciação é sempre uma **realidade de discurso**, marcada linguisticamente, e não uma realidade do mundo – na medida em que a língua comporta os mecanismos que permitem a enunciação, logo,

sujeito/locutor, alocutário e situação, bem como referência, estão inscritos na própria estrutura da língua e instituem-se no uso da língua. Importa, pois, a realidade instaurada no e pelo texto/discurso.

Assim, a descrição e/ou análise dos **contextos** no **modo semiótico** e no **modo semântico** devem estar pautados no discurso, no texto.

Retomando o fio para tecer algumas considerações finais

Iniciei este artigo falando de uma inquietação que em mim fora semeada a partir da leitura de “Émile Benveniste, l’invention du discours” de Gérard Dessons, obra que apresenta, primorosamente, uma possibilidade de leitura da teoria de Benveniste, a qual revela a existência de um pensamento antropológico que coloca em relevo as relações entre homem–língua/língua–sociedade/cultura. E exatamente este último elemento constituiu o cerne de minha inquietação: seria possível abordar aspectos sociais/culturais em um viés enunciativo, especificamente quanto ao estudo do texto?

Considerando os apontamentos de Dessons – que, ao abordar as relações entre homem–língua/língua–sociedade/cultura como indissociáveis, destaca elementos que as constituem e recorta trechos e reflexões da obra benvenistiana que corroboram a construção de sua tese – busquei em Benveniste mais evidências e espaços que possibilitariam a abordagem dos aspectos socioculturais quando do estudo do texto. E, uma vez posto que, para Benveniste, “é dentro da e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, sendo que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 27), está claro que não há como pensar a linguagem/língua fora da relação com o homem e com a sociedade/cultura e, assim, também não há como considerar o texto fora dessas relações.

Logo, quando do estudo do texto sob a Teoria da Enunciação benvenistiana, algo deve ser dito a esse respeito, já que “não há saber sobre a linguagem que não seja ao mesmo tempo [...] um saber sobre o indivíduo, a sociedade e suas relações” (DESSONS, 2006, p. 212, tradução nossa).

Diante disso, busquei encontrar “um lugar” para a cultura nos estudos do texto – já que o próprio Benveniste destaca que esse é um importante fator para o

entendimento/interpretação dos textos –, lugar este que defini como **contexto no modo semântico**. Tal proposição partiu das concepções benvenistianas de semiótico e semântico. Para Benveniste, a língua possui uma maneira específica de significar, uma dupla significância, que engloba os modos semiótico e semântico. Na produção do discurso, ambos estão em jogo: sobre o semiótico, “a língua-discurso constrói uma semântica própria” (BENVENISTE, 1967/2006, p. 233). Assim, enquanto no semiótico o sentido define-se em uma relação paradigmática, no semântico este se realiza por uma forma específica, ou seja, em um sintagma, de modo que não interessa mais o significado do signo – valor genérico e conceptual que este possuía no modo semiótico –, mas, sim, da palavra que, no texto, assume um sentido particular, em virtude da **referência à situação e à atitude do locutor**.

Por isso, propus formular dois tipos de contexto: um no **modo semiótico** e outro no **modo semântico**, cada qual abordando, quando da análise textual, aspectos específicos dos domínios em que se inserem – sendo o segundo o responsável por tratar dos aspectos socioculturais. Evidentemente, tais contextos estão imbricados em cada ato de enunciação responsável por dar existência a textos sempre únicos e singulares.

Referências

- BENVENISTE. E. Tendências recentes em linguística geral (1954a). In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. Problemas semânticos da reconstrução (1954b). In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963). In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. Da subjetividade na linguagem (1958). In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. A forma e o sentido na linguagem (1967). In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- _____. Estruturalismo e Linguística (1968a). In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

____.Esta linguagem que faz a história (1968b). In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

____.Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968c). In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

____.O aparelho formal da enunciação (1970a). In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

____.Dois modelos linguísticos da cidade (1970b). In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.

DUFOUR, D. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

NORMAND, C. Semiologia, semiótica, semântica: observações sobre o emprego desses termos por Émile Benveniste. In: _____. (org. FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.). **Convite à linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SILVA, C. L. C. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. São Paulo: Pontes Editores, 2009.